

C.: recordações sombrias dos meses em Idaho

A dúvida persistiu durante muito tempo, já que sua “família” era de fanáticos religiosos. O “pai” fazia todos acordarem às 6h para ler e interpretar a Bíblia. Austero, controlava os telefonemas e os passeios na companhia de amigos. Criada com liberdade pelos pais, C., hoje com 18 anos, tolerou toda a mudança de rotina até que começou a estranhar o comportamento do “pai”, possessivo e que gostava de tocá-la toda vez que tinha chance. Hoje, suas recordações sobre

os primeiros meses em Idaho, nos EUA, são sombrias.

— Eu adorava a minha “irmã”. Um dia, eu estava de camisola jogando cartas com ela na sala. Ele chegou da rua, disse que estava muito frio e alisou as mãos geladas na minha perna. Achei estranho, mas resolvi não encucar naquele momento — diz C., que passou quatro meses com a “família”, lembrando a primeira vez que percebeu algo estranho em seu comportamento.

Outra vez, ele agarrou C. por trás

enquanto ela lavava louça. E extrapolou ao entrar em seu quarto de madrugada, bêbado.

— Ele repetiu “I love you” várias vezes. Eu fiquei assustada. Já tinha pensado em trancar a porta do quarto antes, mas tive medo de tudo não passar de um mal-entendido de minha parte e acabar magoando a “família”. Então, fingi que estava dormindo até ele sair — conta C., que conseguiu outra “família”, com a qual permaneceu até o fim do ano.